



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7340 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT20 - Psicologia da Educação

A RELAÇÃO DOS COMPLEXOS SOCIAIS FAMÍLIA E ESCOLA: REALIDADE E POSSIBILIDADE PARA A MEDIAÇÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS POTENTES PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Jean Carlos de Sousa Pessoa - UFPI - Universidade Federal do Piauí

Eliana de Sousa Alencar Marques - UFPI - Universidade Federal do Piauí

A RELAÇÃO DOS COMPLEXOS SOCIAIS FAMÍLIA E ESCOLA: REALIDADE E POSSIBILIDADE PARA A MEDIAÇÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS POTENTES PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO

*Palavras chaves: Realidade. Possibilidade. Formação Humana.

1 INTRODUÇÃO

Família e escola são complexos essenciais no desenvolvimento humano, ambas possuem pontos de convergência e divergência no seu fazer, no entanto quando às analisamos sob uma perspectiva da formação humana podemos perceber que ambas têm papéis complementares e independentes, em uma dialética de aproximação e afastamento. Portanto, ao considerarmos o desenvolvimento humano como o resultado de multideterminações históricas e sociais, trazemos os complexos sociais família e escola como responsáveis por reproduzir o gênero humano.

Visto isso, esse estudo parte da análise desses complexos e sua relação com o desenvolvimento humano fazendo uso das categorias Realidade e Possibilidade à luz da Psicologia Histórico Cultural e do Materialismo Histórico Dialético – MHD. Para isso nos apoiaremos em pesquisas que discutem sobre o contexto dessas relações, revelando os desafios encontrados para uma atuação conjunta (PINHEIRO, 2008). E outras que destacam as expectativas que são criadas nessa relação (OLIVEIRA E MARINHO – ARAÚJO, 2010). Com o intuito de realizar esse estudo partimos da seguinte problemática: Quais as possibilidades reais e abstratas presentes na relação família e escola que interferem na mediação de práticas educativas potentes para a formação humana?

A fim de encontrar alternativas a essa questão, temos nesse artigo o objetivo de analisar as possibilidades reais e abstratas na relação família e escola para mediação de práticas educativas potentes para formação humana.

Esse estudo é recorte de uma dissertação de mestrado ainda em andamento, tendo seus dados produzidos por meio de pesquisa bibliográfica. Posto isso, nossa discussão será pautada em três partes. Na primeira, a discussão gira em torno dos

complexos sociais família e escola e seu papel na formação humana. Na segunda, a análise centra-se nas categorias realidade e possibilidade para esclarecer como a relação família e escola pode se desenvolver a partir da ideia de colaboração. Finalmente, nas considerações finais faremos uma breve recapitulação daquilo que foi discutido e os possíveis apontamentos para pesquisas futuras.

2 OS COMPLEXOS SOCIAIS FAMÍLIA E ESCOLA E SEU PAPEL NA REPRODUÇÃO DO GÊNERO E FORMAÇÃO HUMANA

Discutimos aqui formação humana a partir de uma perspectiva do materialismo histórico dialético e da Psicologia Histórico Cultural, sendo assim não podemos falar do humano fora de um social ou como reflexo deste. Mas sim, como um conjunto de relações encarnadas que são construídas historicamente no social (VIGOTSKI, 2000). Logo, em nossa perspectiva o humano se desenvolve à medida que interage com o social por meio de ferramentas, e nesse contato produz suas Funções Psicológicas Superiores -FPS. Com isso ele modifica a natureza e complexifica suas necessidades à medida que desenvolve conhecimentos que são passados de geração a geração, destacamos aqui a categoria trabalho como o que diferencia o humano dos demais animais.

Na atividade de trabalho e no contato com a natureza o humano produz conhecimentos que vão sendo repassados de geração em geração à medida que se acumulam. Assim ao precisar se utilizar de uma ferramenta para modificar a natureza esse humano não partiria do zero, mas de todo um conhecimento prévio advindo de práticas passadas, de uma generalização, cabendo a ele as adaptar, proporcionando um encontro entre a generalidade e a singularidade. Assim, a cada nova necessidade atendida, mais conhecimentos são desenvolvidos e repassados, produzindo a cultura e a própria realidade. (LUKÁCS, 2018).

Ainda de acordo com o mesmo autor, ao passo que essas necessidades vão se complexificando, mais refinadas devem ser as práticas humanas para satisfazê-las. Tendo os complexos sociais como meio de auxiliar o humano no seu desenvolvimento de forma mais especializada para satisfazer necessidades que já não podem ser supridas apenas pelo trabalho.

Portanto, segundo Lukács (2018), os complexos sociais têm sua origem no trabalho, e desempenham a função de mediação desse humano com o social, promovendo a reprodução do gênero humano, que é o conhecimento acumulado historicamente, onde cada complexo social tem o papel de mediar conhecimentos específicos para a formação desse humano. Assim a realidade se constitui em um complexo de complexos que se mostram em movimento e relação. A família e a escola são dois desses complexos que contribuem para a formação do humano em sociedade.

Com base no que foi discutido até aqui, devemos ver família e escola como dois complexos distintos que tem funções semelhantes quando se trata de desenvolvimento e reprodução do gênero, cada uma trabalhando dentro das suas particularidades e possibilidades sem depender do outro. No entanto, as atividades que elas desempenham podem ser vistas como complementares no processo de mediação de práticas potentes que possibilitem uma formação em sentido integral do humano. Para Leontiev (1978, p.12) “O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade [...] Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas”, e essas apropriações seriam resultados de interações com os complexos sociais.

Sobre o complexo família, de acordo com Braga (2017), este é o primeiro meio social do humano, é nele onde são aprendidas as primeiras regras sociais e desenvolvidas as relações iniciais com a cultura. Assim, nesse complexo social são repassados ensinamento de juízos de valores e espirituais, e também são

reproduzidas generalizações de grupos procedentes, como tradições.

Segundo Santos e Toniosso (2014), é na família que se dão as primeiras ligações emotivos desse humano, assim como, por meio desse complexo que o humano pode vir a desenvolver conhecimentos primordiais que o auxiliem em questões básicas para sua subsistência. Portanto, quando se trata de educação, a família atua fornecendo uma educação informal, fundamentada em questões do cotidiano como, costumes e ensinamentos relativos a moral, o que não se mostra o suficiente para desenvolver uma formação mais integral. Que para Vigotski (2000), é um processo que promove o desenvolvimento de qualidades complexas nesse humano, que vão para além daquelas que se estabelecem na perspectiva biológica natural, assim uma formação integral seria resultado de relações na cultura. E para à promover são necessários outros complexos, como a escola.

A escola, diferentemente da família, atua e medeia processos educativos de forma mais organizada e formal. Os processos desenvolvidos nela tem como objetivo formar o humano mais complexo e especializado, e para isso, ela reproduz os saberes historicamente produzidos e a cultura de forma científica para que o estudante possa se apropriar e assim produzir significações que guiem sua formação (LEONTIEV, 1978). Isto é, a escola desempenha papel semelhante ao da família, porém, nela as atividades têm uma organização voltadas para mediar conhecimentos que favoreçam o desenvolvimento das FPS dos estudantes, formando humanos mais aptos a se apropriar das generalizações culturais mais complexas.

Isso não quer dizer, segundo Santos e Toniosso (2014), que a escola fique presa apenas a questões relativas à educação formal, ela também proporciona a socialização por meio do interações de estudantes de diferentes realidades, os auxiliando em trocas e apropriações de visões e perspectivas diferentes. Portanto, a escola desempenha o papel de mediação de conteúdos para que os estudantes possam se apropriar das generalizações historicamente produzidas, e ao significarem produzam novos conhecimentos e atuem no seu meio social para satisfazer suas necessidades. E tem na figura do professor o profissional responsável por essas mediações. Aqui o professor não só desempenha essa função frente aos alunos, uma vez que é ele quem organiza as ações e as realiza junto aos estudantes e, em alguns, casos até mesmo com as famílias.

3 Realidade e possibilidade da relação família e escola mediada pela colaboração

Conforme foi discutido na seção anterior, a formação humana é um processo que se desenvolve nas relações vivenciadas na família e a na escola. Visto que ambos são complexos que medeiam a formação humana pela educação, seja a informal como é o caso da família, ou a formal pela escola, estes precisam se articular de forma a proporcionar as condições necessárias para que esses humanos possam a vir se desenvolver maximamente. Assim de acordo com a realidade de cada complexo, qual a possibilidade dessa relação vir a se constituir como colaboração? Para responder tal questionamento, discutiremos aqui as categorias possibilidade e realidade.

Segundo Konstatinov (1975), tudo que existe, não se apresenta de forma pronta e acabada, muito menos estática. A realidade em si é resultante de um processo histórico de desenvolvimento a partir de interações entre partes, assim a realidade não pode ser vista como uma somatória, mas como um sistema vivo que se autorregula e que tem nos seus nexos, as bases para sua constituição. Desse modo, no processo de constituição do novo é necessário que essas partes criem condições objetivas para que se desenvolvam as possibilidades do vir a ser.

Ainda a respeito dessa categoria, o mesmo autor, aponta que a possibilidade

é a existência de algo em potencial, tendo a categoria realidade como concretização dessa potência, visto que a primeira se realiza na segunda, mas anteriormente, ela já existe na outra, isto é, a possibilidade, mesmo não se concretizando, precisa existir no real, como um fator de prelúdio do que pode vir acontecer. E por meio da intervenção ativa dos complexos, as possibilidades podem se desenvolver em realidade ou até mesmo, diminuir e desaparecerem.

As pesquisas atuais como: Pinheiro (2008), Lima e Chapadeiro (2015), Oliveira e Marinho Araújo (2010) e Braga (2017), apontam que a realidade da relação família e escola hoje em nossa sociedade é marcada por conflitos, acusações, culpabilizações, ausências e desconfiança, o que dificulta muito a aproximação entre ambas. Como forma de superar essa realidade, as pesquisas também apontam que uma das saídas seria cada complexo entender o seu papel e como pode contribuir, respeitando o espaço do outro no trabalho em conjunto a partir de suas condições. Logo, família e escola devem entender que a sua atividade se mostra como complementar e que o estudante já não pode ser visto como um depósito de conhecimento, mas como um ser em potencial, que pode ter seu processo de desenvolvimento facilitado a partir do momento que os complexos passam intervir de forma conjunta para criação de condições objetivas.

Então, como já foi dito, a própria relação família e escola sai do caráter de possibilidade para realidade a partir da atividade dos próprios indivíduos presentes nesses dois complexos. Entretanto, essas relações não se apresentam de forma uniforme, ao contrário, elas são dinâmicas, e podem originar possibilidades diversas, algumas formais, que são aquelas que não podem se realizar nas condições atuais, a não ser que o meio se modifique, ou seja, possibilidades que dependem de questões que estão para além daquilo que já se apresenta na realidade da relação família e escola, exigindo para sua concretização mudanças radicais, que não são impossíveis, mas que não se mostram presentes de forma imediata ou a curto prazo. (KONSTANTINOV, 1975)

Outra forma de possibilidade nessa relação são as reais. Esse tipo se configura como aquelas que existem em condições concretas presentes, que podem se realizar com as condições objetivas que já se mostram dispostas no seu meio (KONSTANTINOV, 1975). No caso da relação família e escola, o diálogo e a colaboração podem ser vistos como meio de realização dessas possibilidades e de produção de outras. Para Pinheiro (2008), à medida que família e escola entram em sintonia e visam um bem em comum colaborando com aquilo que cabe a cada uma, mais rica essa relação se torna, viabilizando assim, a concretização de possibilidades que venham a facilitar a formação do estudante.

Entretanto, apesar de consideramos o diálogo como uma possibilidade real, nem sempre essa pode ser vista como um caminho para colaboração. Segundo Lima e Chapadeiro (2015), nem todo diálogo é sinal de aproximação, dado que em muitas ocasiões a comunicação se apresenta por meio bilhetes, ou em reuniões onde a família escuta apenas reclamações ou questões voltadas a disciplina. O que pode distanciar a família da escola e diminuir as possibilidades reais de colaboração, à medida que produzem outras (possibilidades) como discutem Santos e Toniosso (2014), segundo eles, o afastamento das famílias pode influenciar na educação dos estudantes, levando ao desinteresse e gerando possibilidades de evasão.

Para Lima e Chapadeiro (2015), a não atuação em conjunto ocasiona uma culpabilização mútua entre família e escola, ação essa que interfere diretamente em um pleno desenvolvimento do aluno, e que só poderá ser superadas a partir da construção de uma relação que tenha como foco o pleno desenvolvimento do estudante. Para isso Oliveira e Marinho- Araújo (2010), argumentam que é papel da escola criar as condições favoráveis para convidar a família a se sentir participante

desse processo, dando espaço a seu conhecimento e levando em conta o saber advindo da comunidade.

Nesse sentido, segundo Carvalho (2015) as possibilidades de a família participar efetivamente para colaborar com o processo educativo dos estudantes se reduzem quando não é dado um espaço por parte da escola para que isso aconteça, assim a família fica sem saber como ajudar, delegando todo o poder para a escola, e acreditando que colabora com o processo educativo no simples ato de frequentar reuniões e festividades. E nessa ação o distanciamento entre esses complexos se torna realidade, onde a escola mantém suas estruturas burocráticas com formalismos e poder sobre o conhecimento, e a família é relegada ao papel apenas de cuidadora, com um saber secundário (PINHEIRO, 2008).

Desse modo, para superar as barreiras e os distanciamentos entre esses dois complexos acreditamos que o processo de colaboração mútua seria essencial em favorecer um melhor entendimento entre eles, onde cada um respeitaria seus deveres e espaços, tendo um objetivo em comum que seria a mediação de práticas educativas potentes que favorecessem o desenvolvimento do aluno de forma integral. E para isso, deveriam ser considerados as possibilidades reais e as abstratas de cada contexto e relação, chamando a família a participar de forma regular nessa dinâmica a partir das suas condições objetivas, somente assim poderíamos tirar a colaboração entre esses dois complexos do campo das possibilidades, e trazê-las como uma realidade potente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises aqui presentes são frutos de uma pesquisa bibliográfica que objetivou discutir as possibilidades reais e abstratas na relação família e escola para mediação de práticas educativas potentes para a formação humana. Visto isso, procuramos discutir a formação humana e o papel da educação nesse processo, onde temos os complexos sociais família e escola como meio de reprodução do gênero humano. Logo, destacamos também as categorias realidade e possibilidade como forma de debater a constituição da realidade objetiva em que essa relação se processa.

A partir de nossas discussões, constatamos que família e escola se mostram como complexos que podem atuar em conjunto quando compreendem suas responsabilidades e limites. No qual é dever da escola proporcionar modos de incentivar a participação da família de forma mais ativa e eficaz, em razão de que a última se sente excluída ou até mesmo acredita que seu saber se torna um fator secundário frente aqueles desenvolvidos no espaço escolar.

Portanto, partimos da ideia que uma análise por meio das categorias possibilidade e realidade, nos proporciona uma melhor visão daquilo que se estabelece nessa relação, na qual problemas e conflitos se mostram como resultados de um distanciamento produzido concomitantemente ao desconhecimento de deveres. Onde um complexo vai delegando total responsabilidade a outro sobre os processos educativos, fazendo com que o distanciamento entre família e escola passe a ser uma realidade recorrente. Assim destacamos a colaboração como meio mais efetivo na relação família escola, em que as ações são traçadas em processo de atuação mútua com um objetivo em comum. Portanto, nesse processo, a atuação deve ser pautada a partir da realidade concreta de cada complexo de forma mais objetiva, atuando e criando possibilidades que possam vir a se tornar realidades, ou seja, levando em conta as possibilidades reais, e incentivando aquelas que promovam uma formação mais humana para os estudantes, trazendo à tona o que cada complexo pode reproduzir da generalidade humana.

Compreendemos que a partir dessas colocações, nosso estudo contribui à

medida que tenta ampliar a visão sobre esses complexos em uma lógica que traga como centro a formação humana. Apontamos também a possibilidade de futuros estudos que levem em conta outras categorias do materialismo histórico dialético. Por fim, a partir de nossa discussão foi possível entender que as relações que se estabelecem entre família e escola não se mostram como algo acabado muito menos estático, mas como um processo em movimento que se desenvolve por meio da ação dos seus nexos na realidade objetiva, criando possibilidades reais que crescem e outras que diminuem, mas que são produzidas na relação dialética desses complexos.

REFERÊNCIAS

BRAGA, L. B. FAMÍLIA E ESCOLA: ALGUNS ENTENDIMENTOS SOBRE PARTICIPAÇÃO. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, v. 2, p.416-425, set. 2017. Disponível em:. Acesso em: 14 de Jun. de 2019

KONSTANTINOV, F V. **Fundamentos da filosofia marxista-leninista: Ciências Econômicas e Sociais**. 3. ed. [s.l]: Venda Nova Amadora, 1975. 308 p. Tradução: João Alves Falcato.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978

LIMA, T. B. H; CHAPADEIRO, C. A. Encontros e (des)encontros no sistema família-escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 3, p.493-502, dez. 2015. Disponível em: . Acesso em: 25 de set. de 2019

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**. 14. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2018. 1457 p. Traduzido por Sergio Lessa.

SANTOS, L. R; TONIOSSO, J. P. A importância da relação escola-família. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, v.1, n.1, p. 122-134, 2014. Disponível em:< <https://docplayer.com.br/15872009-A-importancia-da-relacao-escola-familia.html> >. Acesso em: 14 de abril de 2020.

OLIVEIRA, C. B. E; MARINHO - ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 1, n. 27, p.99-108, mar. 2010.Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n1/v27n1a12.pdf>>. Acesso em: 24 de set. de 2019.

PINHEIRO, L. A. S. M. **Relação escola-família: que olhar quanto à forma de participação.** 2008. 229 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Análise Social e Administração da Educação, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2008. Disponível em: < <https://ria.ua.pt/handle/10773/1035> >. Acesso em: 7 de Jun. de 2019.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 21-44, jul. 2000. Disponível em: . acessos em 28 de ago. de 2020.